

## ESTUDO

# “Crise internacional não chega para explicar a estagnação económica”

Ernst & Young “certifica” opções do Governo e aponta rumo para o crescimento económico. Almeida Henriques aproveitou para lembrar trabalho feito

Ana Brígida



**António Almeida Henriques** | Secretário de estado adjunto (à direita na foto) elencou as medidas já tomadas, direccionadas ao crescimento económico.

**FRANCISCO CARDOSO PINTO**  
franciscopinto@negocios.pt

Se este texto fosse o guião de um anúncio de uma conhecida empresa de telecomunicações começava assim: há uma linha que separa o controlo das contas públicas do crescimento económico; a diminuição do endividamento público do aumento da competitividade do tecido empresarial português. O estudo ontem apresentado pela consultora Ernst & Young (ver caixa ao lado), numa conferência organizada em parceria com o **Negócios**, procura deixar essa linha bem vincada e elaborar uma estratégia que potencie o crescimento económico do País.

Sob o tema “Como retomar o crescimento?” o referido estudo não se fica pelo diagnóstico e junta-lhe uma “cura”. “Cura” essa, partilhada pelo actual Governo. “Trabalhos como este [estudo] reforçam a convicção dos políticos quanto ao acerto das suas medidas”, referiu o secretário de Estado adjunto da Economia e Desenvolvimento Regional, António Almeida Henriques, na abertura da conferência de ontem.

O governante deixou claro que a “crise internacional não chega para explicar a estagnação económica e a perda de competitividade da eco-

nomia portuguesa durante a última década, ou seja, não chegámos aqui por acaso”, adiantou.

As razões que conduziram ao actual estado de coisas não serão tão importantes como as que conduzirão à recuperação económica. Nesse sentido e em consonância com as principais conclusões do estudo, “entre as formas de estimular a economia contam-se três factores essenciais”, referiu Almeida Henriques. Logo concretizando de seguida: “o apoio às PME e às indústrias de alta tecnologia e inovação, o acesso facilitado ao crédito e o investimento em projectos de estrutura de natureza urbana”.

Para o secretário de Estado adjunto do Ministério liderado por Álvaro Santos Pereira, as medidas já tomadas pelo Governo obedecem aos princípios estabelecidos pelo estudo da Ernst & Young.

## Fundo “Jessica”, turismo, indústria mineira e petróleo

Na sua intervenção de abertura da conferência, António Almeida Henriques elencou as medidas já tomadas pelo Executivo que se enquadram no objectivo de potenciar o crescimento económico do País e que se enquadram em três diferentes áreas, consideradas pela Ernst & Young como prioritárias: o investi-

mento na infra-estrutura urbana e a aposta no turismo (com destaque para as actividades relacionadas com o mar) e no sector energético, de serviços e de recursos geológicos.

Almeida Henriques começou por destacar a entrada em operação do fundo “Jessica” (direccionado à reabilitação urbana) “com capacidade de alavancar até mil milhões de investimento” e que “poderá potenciar o aparecimento de outros fundos”, referiu.

“No sector mineiro”, adiantou, “o Estado accionou nos últimos dois meses 12 contratos de prospecção e pesquisa”, num “investimento directo de dezenas de milhões de euros por parte de empresas nacionais e estrangeiras”.

Já quanto à prospecção, não de minérios, mas de petróleo, Almeida Henriques lembrou a assinatura do “contrato de prospecção e pesquisa ‘offshore’ de petróleo na região do Algarve, com três consórcios liderados pela Repsol”, um processo que, lembrou, “estava suspenso desde o lançamento do concurso internacional em 2002”.

Por fim o governante recordou o “investimento de mais de 150 milhões de euros na construção de novos terminais de cruzeiros em Lisboa e Leixões”, numa aposta neste tipo de turismo.

## Turismo e lazer devem ser “motor do crescimento”



O estudo “Como retomar o crescimento?”, ontem apresentado pela Ernst & Young, começa por identificar o principal problema que afecta a economia portuguesa: a diminuição de investimento directo estrangeiro (IDE) ao longo dos últimos dois anos. “O IDE líquido captado por Portugal em 2010 não ultrapassou os 1,1 mil milhões de euros, representando uma queda de 46% face a 2009 e o valor mais modesto desde 2004”, pode ler-se no trabalho da consultora. Assim, e uma vez identificado o crescimento económico reduzido como a principal ameaça à captação de IDE, são identificadas como principais medidas para estimular o crescimento económico o apoio às PME, a redução da carga fiscal e o apoio às indústrias de alta tecnologia e inovação. Já no que toca aos sectores que poderão ser o motor do crescimento nos próximos três anos, a prioridade vai para o sector do turismo e do lazer.

## DITO

[Governo está a] construir os alicerces que irão sustentar o crescimento económico das próximas décadas.

É essencial que os programas de apoio ao investimento não fiquem bloqueados e que os projectos não se adiem “sine die”.

Apoiar as empresas é claramente uma das nossas prioridades principais.

Uma das nossas prioridades passa por permitir a execução dos projectos apesar dos condicionais da economia.

**ANTÓNIO ALMEIDA HENRIQUES**  
Sec. Estado Adjunto da Economia e Desenvolvimento Regional